

II Marcha Nacional Contra a Homofobia

Juntamente com organizações de todo país, o Transgrupo Marcela Prado foi à Brasília e marchou em busca da plena cidadania LGBT.

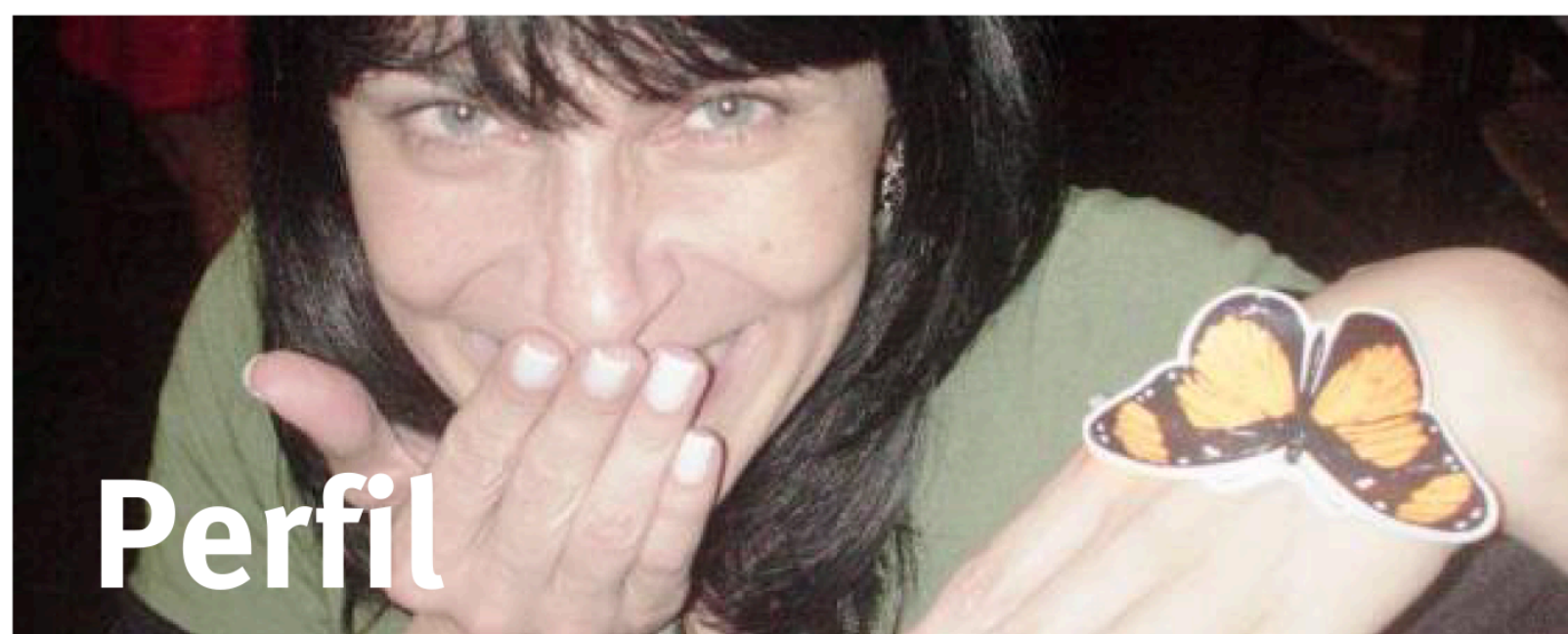
Pág. 04



I WorkShop Geração Trans

80 pessoas lotam evento que reflete sobre travestis e transexuais. O próximo já está marcado.

Pág. 03



Perfil

Entrevista com Maite Schneider

Entrevista com Maite Schneider

Esse jornal tem como objetivo ser um mecanismo de formação e informação. Você pode contribuir enviando suas sugestões, ideias, propostas e opiniões para transgrupomarcelaprado@yahoo.com.br



DIGITALIZAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO

REALIZAÇÃO

APOIO INSTITUCIONAL

APOIO FINANCEIRO



Editorial

Mobilização

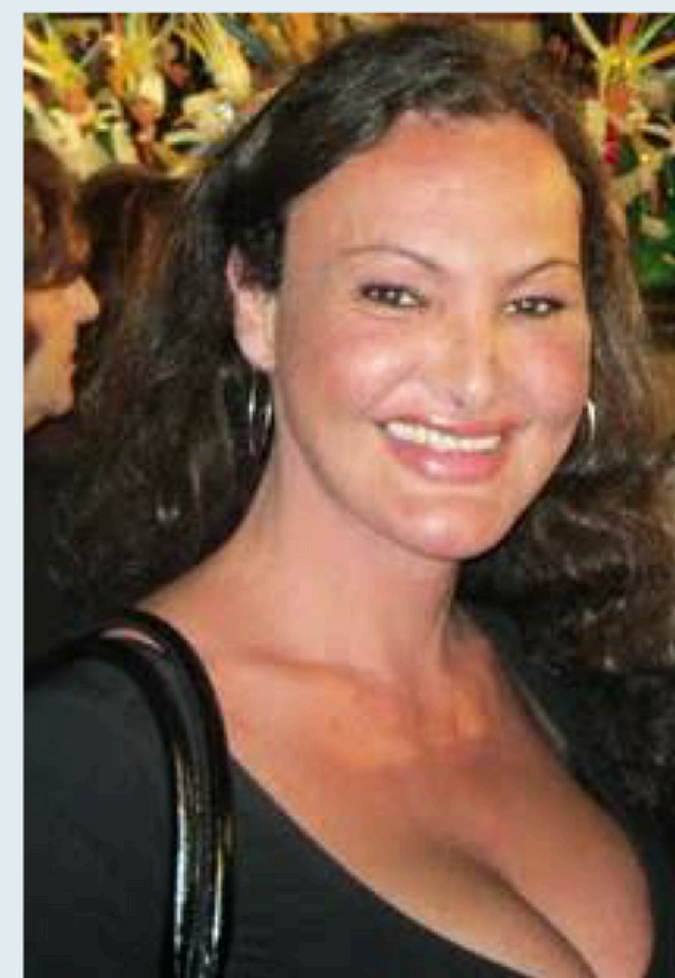
Os dois meses que antecederam essa edição foram muito importantes para o movimento LGBT brasileiro. Tivemos a decisão favorável do Supremo Tribunal Federal sobre a união estável para casais homoafetivos e a II Marcha Nacional Contra a Homofobia. Com esses dois exemplos distintos – um trata-se de uma conquista e o outro de uma reivindicação – constatamos a necessidade de nos mobilizarmos.

Não foi somente a boa vontade do STF que fez com que a união estável fosse aprovada, pois uma gama de processos políticos, juntamente com pressão popular, também fizeram parte do direcionamento da decisão a nosso favor. São as paradas da diversidade, os seminários, marchas e eventos que possibilitam provar para toda a sociedade

que nós existimos e estamos inseridos nos infinitos setores sociais. São as mobilizações populares que demonstram nossa força.

Portanto, amiga trans, gostaria de convidá-la a juntar-se a nós nessa luta. O Transgrupo Marcela Prado, desde 1995, tem atuado na defesa e promoção dos direitos da população de travestis e transexuais e, sem a menor sombra de dúvida, precisa da sua ajuda para conquistar a plena cidadania. Realizamos eventos, seminários, reuniões e manifestações, mas sozinhas não conseguiremos chegar a lugar algum. Participe conosco e nos ajude a conquistar um mundo de IGUALDADE.

Juntas somos mais fortes.



Carla Amaral
Presidente do

Transgrupo Marcela Prado.
carla_amaral2005@yahoo.com.br



Vamos participar?

O projeto tem uma equipe composta por coordenador, monitor e jornalista, que estão à disposição para ouvir suas sugestões e críticas para o jornal *TransNews*. É necessário entrar em contato com a equipe de redação para colaborar: igkonrath@hotmail.com / (41) 3222 3999 – ramal 27

A Diretoria do Transgrupo Marcela Prado é composta pelas seguintes pessoas:

Carla Amaral - Presidente
Josiane Bougers - Diretora Executiva
Lara Moura - Diretora de Interação com a Comunidade

Conselheiros Fiscais:
Sabrina Mab Taborda
Cacau Fontes
André Errera

Sede: Av. Marechal Floriano Peixoto, 366, 4º andar, conjunto 47

Expediente



O jornal TransNews é uma publicação do Transgrupo Marcela Prado, pelo Projeto Trans News. Convênio N° 101/2010

Execução: Transgrupo Marcela Prado
Coordenação do projeto TransNews: Igor Francisco
Monitora do projeto TransNews: Karlesy Stamm
Redação Final e Edição: Sharlene Sarti – Jornalista
DRT 6482 - PR

Revisão: Igor Francisco, Karlesy Stamm
Colaboração: Arthur Roberto Ferreira
Arte e Diagramação: Leandro Lauer
Contato: transgrupomarcelaprado@yahoo.com.br
(41) 3222 3999 – ramal 22
Carla Amaral - Presidente
Josiane Bougers - Diretora Executiva
Lara Moura - Diretora de Interação com a Comunidade



DIGITALIZAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO

REALIZAÇÃO

APOIO INSTITUCIONAL

APOIO FINANCEIRO



WorkShop Geração Trans

80 pessoas estiveram no evento que refletiu sobre as travestis e transexuais. O próximo já está marcado.

No dia 07 de maio, aconteceu o primeiro Workshop do projeto Geração Trans do Transgrupo Marcela Prado. O projeto é fruto da parceria com a Secretária de Saúde do Estado do Paraná (SESA), através do convênio 089/2010.

A abertura foi feita pela presidente do Transgrupo, Carla Amaral. "Estamos realizando um sonho ao lançar aqui o nosso documentário sobre pessoas trans, suas dificuldades, lutas e, principalmente, suas vitórias", comemora Carla.

O Geração Trans é um projeto desenvolvido para criar símbolos positivos para a comunidade de travestis e transexuais. O projeto é constituído de um vídeo curta-metragem, que foi produzido para informar o público sobre a realidade de vida das pessoas trans e também de workshops, para debater as lutas e conquistas do movimento contra a transfobia.

O evento, que aconteceu durante todo o sábado, teve todas as vagas preenchidas com antecedência. Aproximadamente 80 pessoas estiveram presentes, com a presença participativa de membros da comunidade de pessoas trans de Curitiba e região.

A antropóloga Flávia Teixeira, de Goiânia, palestrou sobre as realidades vividas por travestis e transexuais no Brasil, em diversas áreas sociais, desde saúde até o direito. Com uma vivência acadêmica e profissional na área de apoio às pessoas em processo transexualizador, Flávia esclareceu muitas dúvidas.

A presidente do Transgrupo, Carla Amaral, também conduziu o evento, em dois momentos. Na vivência sobre o preconceito e na dinâmica da construção da visão sobre travestilidade e transexualidade. Apoiada pela psicóloga Karlesy Stamm, que fez um relato sobre a sua experiência de atendimento clínico com pessoas trans.

O 2º Workshop já está marcado para o dia 06 de agosto (sábado), das 10h às 19h, com a presença da Dra. Elizabeth Zambrano (Médica, mestre e doutora em Antropologia Social - UFGRS), e a Psicóloga Karlesy Stamm. Além das representantes do Transgrupo Marcela Prado: Carla Amaral, Bárbara Bueno, Sabrina Mab Taborda, Andreia Cantelli e do Grupo Dignidade, Rafaelly Wiest.

Para fazer sua inscrição, você precisa ligar para o Transgrupo

ou enviar e-mail para Carla Amaral. (41) 3222-3999 ramal 22 ; email: carla_amaral2005@yahoo.com.br.

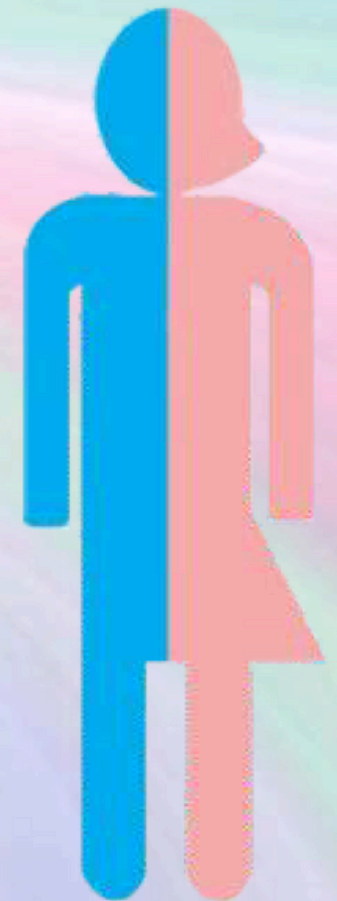
Os participantes terão certificado e ganharão um DVD Geração Trans.



II WorkShop Geração Trans

06 de agosto de 2011
das 10 as 19:00h
HOTEL CARAVELLE
Rua Cruz Machado 282 - Centro - Curitiba
Evento gratuito

INFORMAÇÕES: Carla 41 3222 3999 RAMAL 21 E 22
 Inscrições com confirmação através do e-mail karlesy@gmail.com



VEM AÍ:

Miss Curitiba Trans

Aguarde novidades
na próxima edição



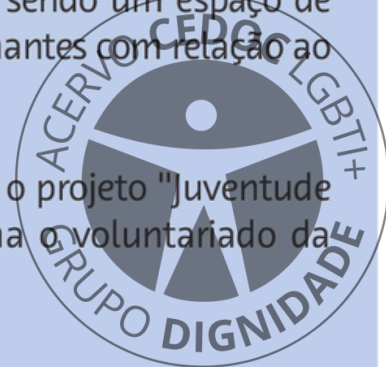
A Presença Digital do Transgrupo Marcela Prado

Por Arthur Roberto Ferreira

No site de relacionamento Orkut esta a extensão do Transgrupo Marcela Prado para a internet, através de uma comunidade de mesmo nome. Com aproximadamente 100 membros, o grupo é moderado e apenas Travestis, Transexuais e pessoas ligadas ao movimento LGBT podem participar. Na comunidade você encontra um fórum com notícias e informações importantes e fica sabendo do que está acontecendo no Brasil e em Curitiba.

Existe também outra comunidade, esta destinada ao Grupo Vivencial Trans-formação. Tem o objetivo de reunir transexuais na busca por sua identidade trans, sendo um espaço de troca entre esta população que possui angústias e frustrações semelhantes com relação ao seu processo transexualizador.

É moderado pela psicóloga Karlesy Stamm, que também coordena o projeto "Juventude em Ação" (CEPAC - Centro Paranaense pela Cidadania) e coordena o voluntariado da Aliança Paranaense pela Cidadania LGBT.



DIGITALIZAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO

REALIZAÇÃO

APOIO INSTITUCIONAL

APOIO FINANCEIRO



II Marcha Nacional Contra a Homofobia

Organizações LGBT de todo o país se reúnem em Brasília para protestar

Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, de todo o território nacional, se reuniram no dia 18 de maio, uma quarta-feira, em Brasília, para participarem da II Marcha Nacional Contra a Homofobia, e o Transgrupo Marcela Prado também estava lá.

Organizada pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), a II Marcha precedeu o 8º Seminário Nacional LGBT, realizado no auditório Nereu Ramos, na Câmara dos Deputados. Ambos os eventos tiveram cunho político reivindicatório, tendo em vista a necessidade de se intervir politicamente para alcançar os direitos que a população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, infelizmente, ainda não possuem.

Entre as reivindicações do movimento está a aprovação do projeto de lei que criminaliza a homofobia e a necessidade de que o parlamento legisle sobre o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo. Na véspera da pacífica manifestação, os mesmos grupos que organizaram o momento entregaram ao Congresso Nacional um documento, com 100 mil assinaturas, em apoio ao projeto que propõe penalizar a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero.

O pelotão de frente da II Marcha foi composto exclusivamente por travestis e transexuais que, unidas e com palavras de ordem, abriram o evento e expuseram as suas lutas: o direito ao nome e a vida. Meninas do país inteiro, com faixas e bandeiras de seus estados, formaram um muro de luta para serem vistas e ouvidas.

A II Marcha Nacional Contra a Homofobia não foi somente de reivindicação, mas também de comemoração, visto que, na semana anterior, o Supremo Tribunal Federal decidiu a favor das uniões entre casais do mesmo sexo, o direito de configurar uma união estável, o que, em linhas gerais, significa que um casal de homossexuais possui os mesmos direitos que um casal heterossexual. Desse modo, os casais compostos por pessoas do mesmo sexo são reconhecidos agora no Brasil como entidade familiar.

A marcha, que segundo a Polícia Militar reuniu 5 mil pessoas, começou na frente da Catedral de Brasília e percorreu toda a Esplanada dos Ministérios, para encerrar na frente da sede do Supremo Tribunal Federal.



DIGITALIZAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO

REALIZAÇÃO

APOIO INSTITUCIONAL

APOIO FINANCEIRO



Garota esperta é aquela que cuida da saúde!

O Transgrupo Marcela Prado traz até você informações e dicas de saúde, principalmente sobre o HIV/AIDS. Aliás, Você sabe a diferença?

HIV é a sigla em inglês do vírus da imunodeficiência humana. Causador da AIDS, ataca o sistema imunológico, responsável por defender o organismo de doenças e, alterando o DNA de nossas células, o HIV faz cópias de si mesmo. Depois de se multiplicar, rompe os linfócitos em busca de outros para continuar a infecção.

Ter o HIV não é a mesma coisa que ter a AIDS. Há muitos soropositivos que vivem anos sem apresentar sintomas e sem desenvolver a doença. No entanto, podem transmitir o vírus através das relações sexuais desprotegidas, pelo compartilhamento de seringas contaminadas ou de mãe para filho durante a gravidez e a amamentação. Por isso, é sempre importante fazer o teste e se proteger em todas as situações.

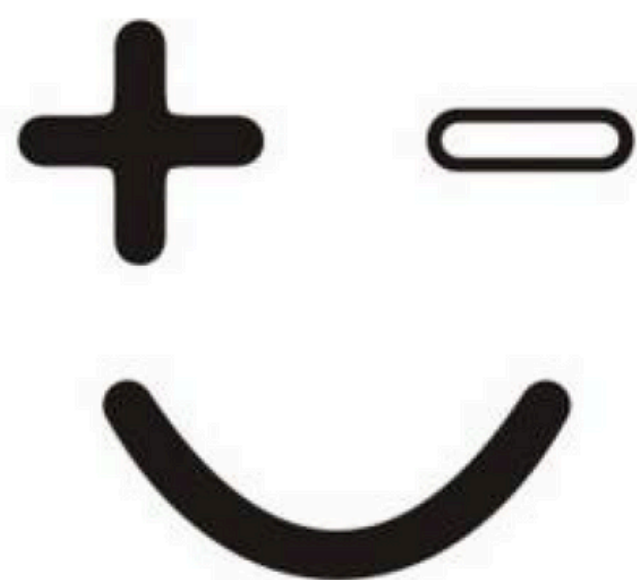
Hepatites virais?

A hepatite é uma inflamação no fígado que pode alterar o seu funcionamento, colaborando para o aparecimento de cirrose, câncer e outras doenças. Existem várias formas de hepatite. As mais comuns são as virais que, como o próprio nome sugere, são causadas por vírus.

A hepatite também pode ser provocada por agentes tóxicos, como drogas, medicação e outras substâncias químicas. As hepatites virais são classificadas por letras do alfabeto: A, B, C, D e E.

Hepatite B: uma DST que age silenciosamente contra o fígado

O HBV, vírus que causa a hepatite B, é transmitido através de relações sexuais sem camisinha e através do contato com sangue contaminado. Na maioria das pessoas infectadas pelo HBV na idade adulta, o organismo se encarrega de curar a doença em cerca de seis meses. Quando isso não ocorre, a infecção pode se tornar crônica (que pode levar à morte do paciente), gerando ao longo de 20 anos doenças como insuficiência hepática e câncer do fígado. Existe uma vacina contra o vírus da hepatite B disponível nos postos de saúde, gratuitamente, para alguns grupos. Soropositivos para o HIV que não estejam infectados pelo HBV podem ser indicados à vacinação. Converse com o seu médico sobre esta possibilidade.



Fique Sabendo

FAÇA O TESTE DE AIDS

Campanha Fique Sabendo Contribua com essa ideia

O Fique Sabendo é uma mobilização de incentivo ao teste de AIDS e tem como objetivo conscientizar a população sobre a importância da realização do exame.

Artistas e formadores de opinião já estão se envolvendo para incentivar a população a fazer o teste e diminuir cada vez mais o preconceito em relação ao HIV/Aids.

Fazer o teste de AIDS é uma atitude que mostra como você se preocupa com a sua saúde



DIGITALIZAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO

REALIZAÇÃO

APOIO INSTITUCIONAL

APOIO FINANCEIRO



Quem mais entende seu corpo é você

Ajude o profissional de saúde a entender as suas necessidades

Por Michelle Rodrigues Cardoso - acadêmica do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Paraná

Na área de saúde muitos profissionais têm dificuldades quanto ao entendimento de tudo que não é heterossexual. Durante a formação do profissional de saúde não existe educação voltada para a diversidade de gênero. Ficando presos à cultura heterossexual, ele não fica imune a práticas discriminatórias durante a sua rotina de trabalho. O que é mais preocupante é a discriminação disfarçada de indiferença, que podemos resumir na seguinte frase: “o que o paciente faz na cama não é problema meu, não tenho preconceito quanto a isso”. Muitas vezes o que ele quer dizer é “socorro, fui educado para estranhar tudo que não é heterossexual e agora você vai descobrir que não sou o detentor do saber”.

Diante deste cenário de discriminação, muitas transexuais e travestis acabam se automedicando com hormônios ou procurando as “bombadeiras” para aplicar silicone líquido, e não é incomum esses casos acabarem com prejuízos à saúde, deformações e, nos casos mais graves, em mortes.

Então qual seria a solução para esse impasse? A busca da parceria entre profissionais da saúde e as transexuais e travestis é algo essencial. Sabemos que isto não é tarefa fácil, mas também não é impossível. É preciso que as transexuais e as

travestis procurem as unidades de saúde para cuidarem da sua saúde e buscarem tratamentos quanto à hormonioterapia e procedimentos cirúrgicos de readequação de gênero quando necessitarem. Pois assim, além de terem orientação adequada, ajudam as próximas gerações na construção de políticas públicas de saúde e de melhor relacionamento com as instituições de saúde.

Durante os meus estudos me deparei com a dificuldade de acesso desta população à saúde. Muitas transexuais e travestis deixam de procurar os serviços da rede pública de saúde por já terem sofrido preconceito. Então é comum que os atendimentos ocorram quando o processo de adoecimento está na sua fase crítica, sendo que muitas dessas doenças poderiam ser tratadas no seu início ou até mesmo prevenidas.

Caso os profissionais da saúde que te atendam desconheçam as políticas públicas ou os procedimentos que atendam às suas necessidades, mas você tem esse conhecimento, respire fundo, conte até três e informe este profissional. Neste aspecto quero destacar outro ponto que constatei durante minhas vivências: as travestis e as transexuais são grandes estudiosas sobre os seus

direitos e sobre os procedimentos cirúrgicos de readequação de gênero. Ou seja, ninguém sabe melhor das suas necessidades, ninguém conhece melhor o seu corpo do que você mesma. É justo romper essa relação de poder entre profissionais da saúde e de quem necessita dos seus serviços e exigir que eles se atentem para as suas necessidades e estejam em constante aprimoramento técnico, científico e profissional.

No começo da minha formação me chamou a atenção a gama de políticas públicas relacionadas à saúde das transexuais e travestis, porém não havia nenhuma discussão em sala de aula ou espaços formais nos quais estudantes e profissionais da área da saúde pudessem se preparar para atender essa população de modo acolhedor, digno e eficaz.

Está na hora de deslocar as discussões sobre as pessoas trans apenas dos conteúdos de prevenção a AIDS, como se vê na formação em saúde. A ideia de realizar um trabalho voltado à visibilidade das transexuais e travestis para além da AIDS é essencial e vejo o TransNews dando essa visibilidade à pessoa, às dificuldades, às necessidades, às redes sociais e às condições econômicas das mulheres transexuais e travestis que desejavam modificar seus corpos para se tornarem ainda mais femininas.

Documentário Geração Trans

Vídeo relata a vida de três transexuais femininas e esclarece dúvidas



“Nós travestis e transexuais trazemos em nosso corpo a marca da transformação. Mudamos para ir em busca da felicidade” Carla Amaral

A linguagem audiovisual é um veículo moderno promotor de símbolos que são facilmente entendidos e absorvidos, e que podem contribuir muito para a promoção da cidadania. O documentário Geração Trans traz ao espectador o universo da experiência de vida de três mulheres diferentes.

A travesti Bárbara Bueno e as transexuais Andrea Cantelli e Sabrina Mab Taborda revelam seus caminhos de auto-aceitação e conhecimento. Falam sobre identidade de gênero, preconceito, cirurgia de readequação de sexo, educação e história de vida.

A psicóloga Kaelesy Stamm fala sobre esses temas e a importância do apoio médico e psicológico para se descobrir uma transexual feliz.

Você pode assistir o vídeo do Geração Trans pela internet. Acesse nosso canal em: <http://vimeo.com/26287357>

Atualmente, muito se progrediu no campo das ciências naturais. A redesignação de sexo já não é mais em caráter experimental podendo ser realizada em qualquer hospital especializado. Ainda recentemente o Governo Federal proporcionou a realização da cirurgia de transgenitalização através do Sistema Único de Saúde. Contudo, as operações de redesignação sexual, ainda com um alto custo, são realizadas apenas em caráter predominantemente particular impossibilitando a muitas pessoas transexuais realizar a cirurgia em face da ausência de recursos financeiros.

Hoje, o Poder Judiciário vem acolhendo timidamente as demandas das pessoas transexuais.

Existem já decisões que determinam ao poder público o ônus dos gastos da cirurgia de transgenitalização como forma última do tratamento do transexualismo. Outras que retificam o nome e o sexo face a já realizada operação cirúrgica, e ainda decisões mais audaciosas que retificam o nome e o sexo independente da cirurgia.

Dessa forma, há que se considerar a necessidade do reconhecimento jurídico do nome social e sexo, sem a necessidade de cirurgia, em virtude de que o nome social assume fundamental importância social e individual na vida da pessoa transexual, da qual a concretização da alteração do nome e sexo vão de encontro ao direito fundamental da dignidade da pessoa humana. É imprescindível que o Judiciário garanta a alteração do prenome e sexo oportunizando, assim, o exercício da cidadania da pessoa transexual.

Os direitos fundamentais ao nome e ao próprio corpo assumem essencial importância eis que são o suporte jurídico garantidor no que se refere à reivindicação das pessoas transexuais. É necessário a concretude dos direitos fundamentais ao nome e ao próprio corpo da pessoa transexual, de forma a contribuir para a mudança social, inserindo as pessoas transexuais no ambiente cidadão.

DIGITALIZAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO



REALIZAÇÃO



APOIO INSTITUCIONAL



APOIO FINANCEIRO



PERFIL



Maite Schneider
Empresária, atriz
e diretora teatral

Confira a entrevista e as lições de vida de quem luta pela felicidade

TN: Há quanto tempo você começou o processo transexualizador?

Maite: Começou desde minha infância. Foi uma infância muito comum em termos de vivência e muito diferenciada em termos de inquietações pessoais. Nasci numa família de classe média (quando ainda existia!) e sempre tive uma família muito amorosa e presente. Não tínhamos grandes luxos, mas nada nos faltava e sempre tivemos acesso ao melhor. Como qualquer criança eu brincava e aprontava muito, mas eu tinha momentos que eram só meus e era nestes momentos que eu percebia que eu não era igual ao meu irmão e nem igual à minha irmã. Percebia que não era como meus amigos e nem como minhas amigas. Este perceber-me diferente causou muita confusão em minha cabeça e muitas vezes foi assustador e perturbador, pois quase sempre, quando esta diferença torna-se pública, era vista com reprimendas, castigos e cercadas de “não pode, menino!”. A Maite nasceu quando eu nasci. Já estava dentro de mim. Eu não sabia seu nome, sua forma e quem verdadeiramente ela era. Até que fui a conhecendo, e conhecendo que eu não era somente Maite. E que eu não era somente o Alexandre que meus pais tinham batizado. Eu era uma porção de pessoas dentro de mim. Homens, mulheres, crianças, adultos, velhos e sábias senhoras. Eu era um mundo querendo explodir e não me deixavam. Por isto eu quase me explodi por diversas vezes.

TN: Como foi a relação com as pessoas mais próximas de você na época?

Maite: Toda família quer que seu filho(a) seja o mais feliz possível, que não sofra e que tenha o máximo de sucesso, saúde e conquistas em sua vida. São os desejos de todos os pais e mães, sem dúvida alguma. E todos que fogem a qualquer regra socialmente imposta de conduta, moral, estética e/ou comportamento são execrados e tem suas vidas transformadas em nada e seus sonhos arrancados e imputam-lhes pesadelos como forma única de se viver. Então, imagina eu, que não segui regra nenhuma a não ser obedecer meu coração, o calvário que tive que passar. E por consequência, minha família. Foi tudo muito difícil para

eles. Foi doído muitas vezes. Foi praticamente impossível em outros. Mas no final de contas, eu fico com o ensinamento do meu pai que sempre me disse para não ter vergonha de ser quem eu era. Seja lá quem fosse este alguém. Fui educada com princípios únicos e quase extintos na sociedade atual. Princípios de amor incondicional, solidariedade, respeito e educação. Foi seguindo estes princípios que nossa família se manteve unida e que eu pude permanecer viva e mantendo meu direito de ser feliz e fazer felicidade.

TN: Como o Transgrupo Marcela Prado entrou na sua vida?

Maite: Na verdade, sinto-me um pouco mãe do Transgrupo Marcela Prado. Ajudei a parir o embrião desta organização que tem um trabalho sério e voltado para ajudar, conscientizar e fortalecer todas as pessoas que precisam dele. Estou sempre acompanhando de perto a todas as realizações do Transgrupo e fico orgulhosa com cada novo fruto que ele conquista. É uma honra ter em minha cidade um espaço tão democrático, acolhedor e com um trabalho tão honroso e gratificante.

TN: Em seu caminho profissional existiu resistências e dificuldades advindas de sua identidade de gênero?

Maite: O preconceito das pessoas sempre vai existir com tudo que se refere ao novo, ao que elas não conhecem, temem ou repudiam, quer seja por ignorância ou ódio ensinado. Então eu luto para levar luz por onde eu passo, no sentido de esclarecer sobre as diferenças que habitam em todos nós. Justamente o que nos torna iguais é o fato de sermos diversos. O pior foram os preconceitos que eu carregava comigo mesma. Estes foram extremamente cruéis. Punições e autoflagelações. Tentei suicídio por duas vezes. Desisti de mim outras tantas e foi neste momento que a presença do amor de meu pai e familiares fez toda a diferença positiva. É bom ter alguém acreditando em você, quando nem você mais acredita. Isto foi extremamente importante e foi meu trampolim para sair do buraco que estava me enterrando. E o pior, eu em alguns momentos era tão pessimista, que além de ir ao fundo do poço, ainda

comecei a jogar terra por cima. Estava cavando minha própria sepultura sem saber.

TN: Como você se percebe hoje com relação ao seu bem-estar físico e psicológico? Você se considera uma vencedora?

Maite: Sim, considero-me uma pessoa vencedora. Nunca aceitei os “nãos” impostos por nossa sociedade preconceituosa e hipócrita. Cavei para construir meus “sins”. Se me consideram anormal, não me importa. Quero meu direito de ser normal ou anormal conforme os meus padrões e não os que foram burramente ensinados por nossa cultura machista e baseada em religiões deturpadas e criadas pelo homem. Sempre quis o mel, então não me importo com a picada das abelhas. Nasci para voar e não vou aceitar que me obriguem a rastejar pelo mundo, afinal são as diferenças que nos tornam semelhantes. Hoje em dia estou bem psicologicamente. Quanto ao físico fiz a décima agora no final de janeiro, por conta de haver um estreitamento grande no canal vaginal ainda e tentar um novo jeito para que tudo fique bem. Como comecei meu processo de modo errado e por caminhos tortuosos tudo tornou-se difícil. Tive também alguns nódulos (benignos, ainda bem!) dentro do canal da vagina e passei por muitas intercorrências, tendo no final que tirar um pedaço do intestino, chamado duodeno, para construção de um novo canal. Hoje, passado alguns meses da décima cirurgia, continuo mantendo minhas esperanças de que tudo fica bem no final e torcendo para que seja a última cirurgia que eu necessite para ter uma vida plena. E continuo acreditando que se, por um acaso, não der certo, o motivo é que ainda não chegou no final, mas espero ter forças para nunca desistir do que acredito ser a felicidade para mim.

TN: Em sua trajetória, qual seu momento mais marcante?

Maite: Sem dúvida nenhuma foi quando meu pai falou que me amava incondicionalmente, e propondo como única condição de seu apoio, que eu buscasse ser feliz. Ter meu pai, como porto seguro, amigo, rumo, caminho e exemplo me fez tão forte e me tornou a pessoa que sou hoje. Hoje além de ir atrás de minha felicidade, tento de alguma maneira, ajudar na felicidade de outras pessoas que passam em minha vida. Procuro ser feliz e fazer felicidade. Ninguém está só quando acredita em si mesma. Não pare de acreditar NUNCA!!



DIGITALIZAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO

REALIZAÇÃO

APOIO INSTITUCIONAL

APOIO FINANCEIRO

O Transgrupo denuncia a violência

Policiais agridem travestis próximo à Praça Ouvidor Pardiniho



O Transgrupo Marcela Prado protocolou em 02 de fevereiro de 2011 um ofício contra a conduta de dois policiais. Na madrugada de 30 de janeiro, os policiais militares estaduais, Anderson de Souza e João Aparecido Soares Pereira, teriam atirado gás irritante e jatos de água em duas travestis. Os policiais negam o episódio, relatando apenas terem intensificado o patrulhamento no dia.

As duas vítimas da ação truculenta, as travestis F.R. e S.T. procuraram o Transgrupo Marcela Prado para abrir uma sindicância no 12º Batalhão da Polícia Militar. F.R. afirmou que além delas, os policiais teriam ainda jogado gás de pimenta em uma outra travesti na mesma noite.

A solução da sindicância foi enviada ao Transgrupo

no dia 1º de julho, seis meses depois de feita a denúncia, e a conclusão é que por falta de provas - pois é a palavra de FR e ST contra a dos policiais - o caso foi arquivado.

O resultado talvez fosse outro se elas tivessem feito o exame de corpo de delito, realizado pela perícia criminal, para comprovar as lesões. Por isso, além de denunciar é preciso mostrar as evidências da violência. Se você for vítima de violência, denuncie e percorra os caminhos legais, por mais constrangedor que seja, você vai ajudar a tirar policiais violentos da rua.

Pois é através de dados oficiais, como essa sindicância (nº184/11), que as políticas públicas são formuladas.

Telefones úteis:

IML – Instituto Médico Legal

Av. Visconde de Guarapuava, 2652 (fundos) – Centro
Fone: (41) 3281-5600

ONDE FAZER O EXAME DE CORPO DE DELITO?

O exame só é realizado depois de feito o boletim de ocorrência na delegacia. Para fazer o exame vá ao IML.

DELEGACIAS DE POLÍCIA CIVIL

1º Distrito Policial
R. André de Barros, 671 – Centro
Fone: (41) 3233-6672

Defensoria Pública

Fornece orientação e assessoria jurídica a população que não tem condição de pagar um advogado ou custos do processo.

Al. Cabral, 184 – Centro
Fone: (41) 3219-7300

Carteira de Identidade

Instituto de Identificação
R. José Loureiro, 540 – Centro
Fone: (41) 3883-8150, ou acesse:
www.pr.gov.br/iipr/identidade

ONDE REALIZAR O TESTE DA AIDS EM CURITIBA

COA: Centro de Orientação e Aconselhamento

R. do Rosário, 144 – 6º Andar – São Francisco
Atendimento das 8h às 15h.
Fone: (41) 3321-2803

Unidades Básicas de Saúde

Procure a mais próxima da sua casa.
Para informar-se sobre os endereços das Unidades de Saúde ligue para 156, ou acesse:
www.curitiba.pr.gov.br/areastematicas/Aids/Aids_onde.htm



Realização



Financiamento



DIGITALIZAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO

REALIZAÇÃO

APOIO INSTITUCIONAL

APOIO FINANCEIRO

